

É dura a vida de quem tem por hábito a leitura de relatórios de resultados das companhias listadas na bolsa de valores. Os números mais relevantes para analistas de mercado e até mesmo acionistas detalhistas são garimpados em balanços que são estruturados de uma maneira que dificulta a sua leitura rápida e manipulação precisa dos dados para a geração de planilhas, gráficos e comparações. É uma tarefa árdua, monótona, trabalhosa e que rende para os mais eficientes um bom salário ou bônus no final do mês. Só que poderia ser diferente e essa é a intenção de quem defende a adoção plena de uma nova tecnologia de formatação das informações definida por uma sigla: **XBRL**, que significa eXtensible Business Reporting Language. Essa tecnologia seria mais um conjunto de letras do mundo dos nerds se por trás dela não existisse um poderoso lobby mundial. A Securities and Exchange Commission (SEC), o órgão regulador do mercado de ações americano, os maiores bancos de investimento do planeta e as companhias abertas se aliaram a marcas como a Microsoft para tentar minimizar os efeitos da atual conjuntura junto aos seus analistas e clientes. São mais de 300 instituições no planeta que trabalham pela mudança. A razão é simples. Com a padronização um analista brasileiro, por exemplo, terá como comparar os dados de determinada empresa com suas similares em outros países. Esse trabalho pode ser realizado hoje em dia, mas a grande diferença é o tempo e a profundidade em torno dele com o XBRL. E o impacto dessa avaliação



Simple e melhor

Nova tecnologia que permite leitura rápida de balanços de empresas de capital aberto chega ao Brasil

mais precisa refletirá de maneira positiva ou negativa no preço da ação da companhia em questão. O ponto mais relevante dessa discussão é o ganho de qualidade que o mercado de ações terá nos próximos anos. Com a adoção dessa tecnologia, os relatórios sairão padronizados da origem e os dados serão facilmente manipulados no seu destino final. Até o final de 2009, todas as 500 maiores companhias abertas dos Estados Unidos terão de produzir seus relatórios dentro desse formato. Em 2011, nenhuma empresa com ações nas bolsas de valores americanas ficará fora da regra. No Brasil, a Comissão de Valores Mobiliários ainda

não sinalizou como ajudará o mercado com esse problema, mas já há uma solução sendo desenhada. A **MZ Consult**, a maior companhia de relações com investidores da América Latina, associou-se à Universidade de São Paulo (USP) na criação de uma versão brasileira do XBRL. Na manhã desta quarta-feira, dia 20, em São Paulo, a MZ vai apresentar essa opção para diretores financeiros e de relações com investidores das maiores empresas do País. A idéia é simples. Com a padronização, as companhias abertas poderão ter uma avaliação mais precisa dos seus papéis pelos analistas e acionistas simplesmente porque será possível comparar

uma empresa local com sua similar nos EUA ou Europa. “A leitura dos relatórios terá uma lógica comum”, afirma Denys Roman, gerente de tecnologia da MZ. No Brasil quatro companhias -- Petrobras, NET, Bradesco e Brasil Telecom -- já arquivam os seus relatórios na SEC, a CVM americana, dentro do novo conceito. A intenção da MZ é mostrar para seus 270 clientes na América Latina, incluindo o México, que o mercado de ações vai demandar nos próximos anos esse tipo de simplicidade na entrega dos dados. Quem não seguir essa lógica pode ficar para trás e perder uma boa e tranquila análise do seu papel.